



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
REITORIA
Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia – 29056-255 – Vitória – ES
27 3357-7500

CONCURSO PÚBLICO

EDITAL Nº 03 / 2016

Professor do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

ÍNDICE DE INSCRIÇÃO	313
HABILITAÇÃO	Letras IV

PROVA DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS | DISCURSIVA

MATRIZ DE CORREÇÃO

QUESTÃO 01

A palavra "metalinguagem", formada com o prefixo grego "meta" (que expressa ideia de participação, mistura, intermediação e sucessão) designa a linguagem que se volta para si mesma. Por extensão, diz-se também metanarrativa, metadiscorso, metapoética etc. Em seu estudo sobre as funções da linguagem, Roman Jakobson considera metalinguística a função que ocorre quando a linguagem fala de si mesma. Tal função reenvia o código utilizado à língua e a seus elementos constitutivos, o que abre uma perspectiva crítica extremamente propícia ao trabalho com a linguagem num contexto de ensino-aprendizagem. Afinal, os processos metalinguísticos não são exclusivos da literatura; estão presentes nas artes plásticas, no cinema, na publicidade, dentre outros meios, ampliando as possibilidades de trabalho em sala.

Espera-se, nesta questão, que o candidato identifique, e comente, o uso da metapoética nos dois poemas: um do século XX (de Manoel de Barros) e outro do século XIX (de Francisca Júlia). O primeiro, cujo fazer poético é esquivo a quaisquer enquadramentos, aposta visivelmente numa poética sem regras, sem regências, sem "reis"; numa escrita toda liberdade (e com "luxúria"). Manoel é herdeiro de Oswald; é moderno e reticente a enquadramentos. Francisca Júlia, por sua vez, herda o clássico e "marmóreo" parnasianismo, ainda que não abra mão da leveza.

Cabe, nessa questão, uma comparação entre poetas de diferentes épocas, abordando a estratégia da metapoesia, e uma proposta que envolva tal estratégia em diálogo com outros textos, quer sejam poéticos, quer sejam visuais. A proposta, por seu turno, pode ser voltada a atividades de pesquisa, de leitura e discussão, de produção textual etc, de acordo com a criatividade e a sensibilidade do professor.

QUESTÃO 02

No capítulo VII, intitulado “O valor”, Antoine Compagnon desenvolve todo um percurso conceitual e temporal, para abordar o juízo de valor e os conceitos de clássico e de cânone. “O tema 'valor', ao lado da questão da subjetividade do julgamento, comporta ainda a questão do *cânone*, ou dos *clássicos*, como se diz de preferência em francês, e da formação desse cânone, de sua autoridade – sobretudo escolar –, de sua contestação, de sua revisão.” (COMPAGNON, 2001, p. 226)

O conceito de cânone – quer seja uma regra, ou modelo, quer seja uma lista de livros reconhecidos como dignos de autoridade – é explorado de forma profícua pelo teórico francês. Para além dele, autores como Sainte-Beuve, Ítalo Calvino e Harold Bloom, dentre tantos, contribuíram para o aprofundamento desse tema, obrigatório em qualquer linha de estudo que tenha por base o texto literário.

Espera-se que o candidato demonstre conhecimento do tema e responda à questão proposta desenvolvendo outros argumentos em favor do cânone, a não ser o da autoridade dos especialistas, até porque, como o demonstra o próprio Compagnon, esse não é um conceito fixo, a visão do valor do clássico é continuamente reconfigurada. Do mesmo modo é cabível a problematização da “autoridade”, trazida à cena nessa questão. Quem seria essa autoridade? Um teórico do século XVII? Ou um do século XX? A Igreja? A escola? E, nesse caso, qual escola? Não seria essa uma escolha pautada em “elitismo” e atrelada às relações de poder?

Em determinado momento, o teórico afirma que os modernos insistiram numa relativização do valor literário, até porque as obras entram e saem do cânone ao sabor das variações de gosto, cujo movimento não é regido por nenhuma racionalidade a toda prova. Esse comentário, por si só, respalda a necessidade tanto de problematização quanto de contínua discussão do tema. Afinal, se o cânone não é fixo, também não é aleatório e nem se move com grande frequência.

QUESTÃO 03

A ironia, sendo a figura de pensamento que consiste em dizer algo para afirmar o seu contrário, é grandemente explorada no romance em questão, e justo como recurso para descortinar, na voz do narrador, descendente delirante de uma aristocracia decadente, porém ainda regurgitando os resquícios da sensação de pleno domínio sobre o outro, o papel que coube a essa classe social na história do país: o da dominação pela força.

Diante, por exemplo, da dedicação do filho aos estudos de História, nota-se, no tom utilizado pelo pai, um certo desdém pelo saber, que culminará com a notícia da filiação ideológica do rapaz ao comunismo. Mesmo porém diante de uma ideologia que contraria seu comportamento e pensamento de classe (ideologia que, diga-se, o pai nem mesmo sabe ao certo o que seja), ainda assim ele enxerga nela apenas e tão-somente o que já é programado para ver: o lugar de poder que, acima de qualquer ideologia, cabe a sua família e aos seus descendentes – em nome da tradição, por posses e sobrenome.

Assim, no curto excerto destacado, diversos períodos e eventos da história do Brasil (colônia, domínio da aristocracia, Intentona Comunista e "Revolução" Militar de 1964) vão sendo desfiados ironicamente aos olhos do leitor do ponto de vista do próprio homem branco dominante, especialmente na frase final do parágrafo, em que, como "argumento" contra as ideias políticas do jovem sonhador e revolucionário, o pai "trata de lhe lembrar" as antigas relações de família e "lhe mostra o chicote que pertenceu ao avô", encerrando a questão com a exibição de um signo de autoritarismo e mando pela violência.

QUESTÃO 04

Espera-se que o candidato proponha um trabalho em que a redação do texto se dê somente após uma razoável pesquisa sobre o tema, por parte do aluno. Ainda que não tenha acesso a bibliografia específica durante a realização desta prova, o candidato pode relacionar como fontes de pesquisa: matérias de jornais e revistas sobre o tema da negritude, capítulos de livros de história e cultura negra, CDs e DVDs de artistas negros e/ou que tenham como tema a negritude, documentos oficiais da educação que versem sobre o assunto.

Os textos selecionados pelo professor e outros materiais sugeridos pelos alunos podem, inicialmente, circular entre pequenos grupos de trabalho, que farão a leitura em casa e irão trocando as fontes de pesquisa com os demais grupos. São leituras extra-sala que podem levar aproximadamente um mês.

Findas as leituras, os grupos exporão as suas ideias em forma de seminário ou outro tipo de apresentação, que pode inclusive ser permeada por quadros musicais, de dança e de outras artes afro-brasileiras.

Os seminários podem ter temática livre. Ou então cada grupo pode escolher uma das fontes de pesquisa a que teve acesso, para sintetizar e comentar. O professor pode ainda determinar assuntos a serem trabalhados nas exposições orais, como: escravagismo e Brasil colônia; racismo no Brasil contemporâneo; o português e a herança linguística dos idiomas africanos; dança e música afro no Brasil. É importante que isso fique bem definido antes mesmo de iniciadas as leituras, para que não se perca o foco e para que as informações possam ser interiorizadas de forma objetiva.

Por fim, com base em toda a vivência de leitura, exposição oral e mostra cultural, os alunos devem ser instados a escrever, individualmente ou em grupo, sobre o que aprenderam acerca da presença da cultura negra no Brasil. Os gêneros podem ser livres ou a combinar com a turma.

Caso o trabalho seja avaliativo, o professor deve divulgar amplamente os pontos que considera importantes para a sua avaliação do trabalho, como: assiduidade, pontualidade e colaboração no trabalho em grupo (no caso de avaliação individual, não muito recomendada para esse tipo de proposta temática e interacional); aproveitamento das fontes de pesquisa; aprofundamento das discussões; clareza e objetividade das explicações e exemplificações.

QUESTÃO 05

Grande sertão: veredas (1956), de Guimarães Rosa, obra das mais significativas na literatura brasileira, destaca-se principalmente pelo experimentalismo linguístico e pela originalidade de estilo presentes no relato de Riobaldo, ex-jagunço que relembra suas lutas, seus medos e o amor reprimido por Diadorim.

Espera-se que, a partir da gravura, o candidato reconheça a obra e sobre ela disserte brevemente. Trata-se de referência a um dos trechos iniciais do romance, já bastante explorado pela crítica, que reporta à narração do sertanejo dirigida a um interlocutor. A frase “viver é negócio muito perigoso” reitera-se, reconfiguradamente, na obra em questão, assim como a alusão ao “demo” e ao “sertão”, espaço onde se desenrola essa história e é por ela ampliado.

Importa destacar que, nessa obra, "o sertão é o mundo" e, de modo especial, um mundo que pode ser registrado, manipulado e transformado. O sertão é, assim, um mundo mítico, ativo e universal. É patente o interesse do autor pelo espaço natural e cultural do sertanejo, mas esse interesse é pretexto para uma discussão maior sobre o ser humano e o mundo, donde a transcendência entre o regional sertanejo e o universal humano, nessa obra. Essa transcendência é conseguida graças ao trabalho mais que acurado com a linguagem.

A linguagem de Rosa renova e recria a própria língua, criando, assim, um universo novo. É importante que se dê destaque à reinvenção da vida sertaneja, conseguida por meio da recriação do sertanejo e de suas falas, felicidades e dores, descobertas, encontros e desencontros entre o humano e o "sertão". Cabe frisar que, para Guimarães Rosa, o sertão é um mundo – um espaço existencial - , e um mundo confundido com linguagem original, poética e criadora, no sentido de que tudo pode ser visto – espaço e linguagem – como universo ainda virgem, puro de sentido.